

Mademoiselle RAMADA CURTO, uma das senhoras mais distintas da nossa sociedade — (Cliché Wasques)

N.º 376 Lisboa, 5 de Maio de 1913

Assinatura para Portugal, colonias
portuguezas e Hespanha:

Ilustração
PORTUGUEZA

Dirêtor e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-



VERASCOPE

Exigir a Marca
A venda nas principais casas
de artigos photographicos.

Venda por Atacado: 25, rue Malingue, }
Venda á retalho: 10, rue Halévy, } PARIS
Envio franco do Catalogo
(gratis)

RICHARD



A PHOTOGRAPHIA DE TUDO PARA TODOS



Comprem os Bordados Schweizer

que vendemos franco de porte e domicilio di-
rectamente da Suissa

BLUSAS Desde fra. 5.80 **VESTIDOS** Desde fra. 15

VESTIDOS PARA CRIANÇA
Desde fra. 6.75
... o melhor bordado suíço, sobre batiste, voile, tulle,
crêpon, marquisette, lã e sobre sedas novidade.

PEÇAM AMOSTRAS E FIGURINOS FRANCO
Os nossos vestidos bordados, se vendem sem confecio-
nar mas enviamos os padrões cortados para todos os
nossos modelos e em todas as medidas a quem os pedir.

SCHWEIZER & C.^{IE}
LUCERNE A 22 (Suissa)

Piperazina MIDY

cura **Gota,
Reumatismo,
Areia.**

Exigir a Marca
MIDY PARIS

Para desenvolver e endurecer os seios nada melhor do que as Pilules Orientales

E' o que se depreende dos factos e do infinito numero ed cartas, entre outras a que abaixo se transcreve, escripta pela sr. H. L.

A sua alegria é imensa. Tinha muito pouco peito, desespe-
rava-se por ver decorrer os melhores anos da sua juventude
e ter um busto liso, uma garganta de ossos. Por fim toma as
Pilules Orientales e quinze dias depois escreve:

«Ha sómente quinze dias que como as Pilules Orientales e
noto já com satisfação um resultado que em verdade.—Assi-
nado, madame H. L., rua Gondart, Marse-
lha.»

Este resultado não é para surpreender.
Estou costumado, de ha muito tempo, a re-
ceber grande numero de cartas seme-
lhantes, tal como a que segue, transbordando de
satisfação e reconhecimento.

«Tenho a dizer-lhe que as suas Pilules
Orientales produziram grande bem á mo-
ça, pois ella tem agora o peito muito de-
senvolvido e um aspecto encantador; e
para lhe dar a prova d'isso, dir-lhe-hei
que, antes de a tomar, ella pesava 102 li-
bras e agora pesa 105; augmentou estas
tres libras desde que toma as suas Pí-
lulas e encontra-se de perfeita saude. Fa-
lei d'ellas a outras pessoas, a quem nada
tem feito augmentar o peito nem dado for-
ças, e ás quaes lhe dei o seu endereço,
porque m'o pediram. Assignado, Madame
T..., rua Portepoivine, Loches.»

Por discreção profissional calo os nomes,
de acordo com o desejo expresso pelas pes-
soas que as escreveram; mas as cartas es-
tão aqui e fazem fé.

Assim, pois, as Pilules Orientales desen-
volvem o peito e fortificam a saude.

Além d'isso dão ao rosto essa frescura
de tez que faz dizer a Madame T... que
«tem um aspeto encantador».

Tambem desfazem esses concavos tão feios produzidos pelas
saliencias ossosas n'um peito demasiado delgado. Da d'isto tes-
temunho a carta seguinte:

«Meu caro senhor: As Pilules Orientales fazem-me muito bem.
Graças a ellas vejo com gosto que as cavidades que me rode-
avam a garganta se vão enchendo pouco a pouco. Não dese-
pezo já agora de encontrar o que ha anos tinha perdido.—
Louise M., rua Franklin, Passy.»

Termido estas referencias com est'outra, cujo entusiasmo mo-
do é menor que os manifestados nas anteriores.

«Meu caro senhor: Finda na fé dos seus annuncios fiz uso
do seu reconstituinte dos seios, e apresento-lhe o testemunho

da minha satisfação, pois adquiri já o peito perfeito que me
java. E' surpreendente e, não obstante, exacto.

«Sou muito afetuosa, Emilia R., Roubaix (Norte).»

As Pilules Orientales produzem todos os dias numero-
sissimos resultados analogos, porque as senhoras e as jovens que
os dias recorrem a estas maravilhosas Pilulas para de-
volver e endurecer os seios ou reconstituil-os, não tem
conta.

Um formoso peito, harmoniosamente desenvolvido, é o
efeito, um dos maiores atrativos que se
a mulher. Afóra isto, é indicio geral de
saude florescente, e as preferencias ins-
taes ou racionais dirigem-se sempre pa-
aquellas a quem a natureza favorece
este dom.

Aquella huc se enristrece de não ser de
numero, recorrer ás Pilules Orientales
algumas semanas verá como os seios
se desenvolvem e endurecem, as car-
tancias ossosas desaparecem e as car-
necem-se; o corpo do seu vestido ma-
tor que invejar ás das suas compahe-
mais favorecidas pela natureza, muitas
quaes devem o seu opulento busto
mas que ás Pilules Orientales.

Não temais de modo algum que estas Pi-
lulas possam apresentar o menor per-
culo. Ha mais de 30 annos milhares de damas e
meninas as estão usando e nunca elle
ram logar á mais leve censura. Por con-
clado os facultativos prescrevem-nas com
gosto e numerosas cartas de medicos
testemunho da sua ação benéfica e do mo-
do tempo da sua effcacia.

Tudo isto isto consagra a reputação de
Pilules Orientales e coloca-as acima de
a comparação possivel com outro qual-
quer produto ou tratamento similar.

Assim, pois, seja o caso que fôr, trate-se de afirmar, de
constituir ou de desenvolver, não vacile aquella que
carece em recorrer ao unico meio que se lhe oferece de
o que deseja.

Enviaréi gratis a quem o sollicite, a todas aquellas que po-
riam ainda duvidar, um elegante livrinho que encerra
santos pormenores e provas irrefutaveis da maravilha
cia das Pilules Orientales. Esse mesmo livrinho se ad-
cacha a cada frasco de Pilulas expedidas directamente, se assen-
desejar.

J. Ratié, Pharmaceutico.—5, Passage Verdeau, Paris. Pre-
com instruções 18500 réis, franco de porte remetidos em
de correio a J. P. Bastos E C.ª, 39, rua Augusta—Lisboa.



CRONICA

UM REI.—O general turco Essad Pachá, depois de capturar em Scutari, faz-se proclamar rei da Albania, em Alessio.

O facto da realza de Essad Pachá tem, evidentemente, uma unica logica: a do inverosimil. Não se trata de um rei improvisado por combinações dinasticas, d'um principe sem reino, de um duque de Montpensier que a diplomacia complacente fôsse buscar a um canto do almanaque de Gotha para cingir a corôa d'um estado balcanico: trata-se apenas de um soldado, albanez violento, brutal, ambicioso, que á frente de um exercito de trinta mil homens é feito anacronicamente rei pelo processo proclamatorio dos legionarios romanos,—rei d'acaso, rei *condottiere*, rei sagrado por soldados, rei cuja realza repousa sobre o maior de todos os direitos: o direito indiscutivel da força. Mas d'onde veio esta especie de imperador ilirio, este Claudio, este Aureliano erguido nos escudos pela vontade de um exercito inteiro? Da victoria? Não. Da derrota. É o lado paradoxal da realza de Essad Pachá que a torna mais interessante. O general turco acabava de abandonar Scutari; não trazia nos cabelos a castrense d'oiro dos triumphos: pelo contrario,—o seu «fez» vermelho vinha salpicado ainda da lama desonrosa das capitulações. Compreendia-se que os soldados fizessem rei um general victorioso; mas não se compreende que tenham feito rei um general que capitula. Kemal bey, nas declarações que acaba de prestar ao *Temps*, deve ter razão. A capitulação de Scutari foi um accordo traço-eiro entre o Montenegro e Essad Pachá. Se o não fôsse, como poderia explicar se a saída dos trinta mil homens do exercito sitiado, não só com todas as honras, mas com todas as armas e com toda a artilharia? Como se explicaria tambem a inesperada facilidade com que o Montenegro se presta agora a entregar a Essad Pachá rei, a cidade que tomou a Essad Pachá general?

VIDA POLITICA.—*Deu-se em Lisboa, na madrugada de 27, um movimento insurreccional, de carater politico indetermindado, que o governo prontamente sufocou.*

Os regimens creados pelas revoluções triumphantes não podem resolver todos os casos pessaes d'aqueles que os ajudaram a triumphar. Aproveitam, seleccionando-os, os elementos nobres, inteligentes e uteis que se pizeram ao seu serviço e se sacrificaram pela sua causa, desaproveitando, naturalmente, outros—sempre os ha—a quem o facto de se mudar um regimen não torna nem mais adaptaveis, nem mais inteligentes, nem mais dignos, nem mais uteis. E como o seu caso pessoal não se resolveu,—esses elementos inquietos e ambiciosos, causas de perturbação permanente, proclamam a falencia do regimen cujo advento prepararam, e ás vezes (não será o caso d'agora, mas é frequente) passam a servir as instituições que ajudaram a derrubar. É a velha historia dos revolucionarios chronicos, que combatem siste-

maticamente todos os regimens, porque não leem condições que lhes permitam ser uteis a nenhum d'elles.

INSTRUÇÃO.—*Segundo as novas bases da reforma do ensino secundario, já apresentadas ao sr. ministro do interior, haverá dois cursos liceaes da duração total de oito anos: o «curso latino», ou «classico», compreendendo o latim e o grego, e o «curso moderno», que exclue as linguas classicas da antiguidade.*

É digna de aplauso esta bifurcação do velho e pesado ensino liceal,—consagrando, e muito bem, a não obrigatoriedade do latim e do grego na preparação das carreiras scientificas. Na Alemanha, que em muitas coisas, segundo a frase feliz de Demolins, está ainda no seu Luiz XIV, tem sido vivamente discutida a vantagem ou inconveniente da inclusão das linguas classicas na preparação dos cursos de ciencias medicas, physico-naturaes e mathematicas, alegando os partidarios da inclusão a importancia do estudo do latim como ginstica mental. Mas o bom senso e a razão estão com Henri Haine:—«Se os romanos precisassem de aprender latim,—não tinham tido tempo para conquistar o mundo».

VIDA INTELECTUAL.—*Os homens de letras portuguezes oferecem hoje um banquete, no Avenida Palace, á escritora brasileira sr.ª D. Julia Lopes de Almeida.*

Ha dinastias de artistas, como ha dinastias de principes. Não é raro encontrar, em muitas figuras da mesma familia, a costela d'oiro da estirpe de Jupiter,—dando pintores, escultores e caricaturistas como nos Bordalo-Pinheiro, atores como nos Rosas, literatos como nos Castilho, dramaturgos e poetas como nos Dumas, nos Richepin, nos Theophile Gauthier, ou como n'essa illustre estirpe Rostand, em que é poeta o autor da *Samaritaine*, poeta sua pae, poetisa sua mulher, Rosemonde Girard, e poeta seu proprio filho, que acabou de escrever, para um dos theatros de Paris, uma encantadora comedia. O caso familiar reproduz-se na familia Felinto d'Almeida, o illustre academico brasileiro, ha tempo entre nós: a sr.ª D. Julia Lopes é das figuras, mais altamente representativas da literatura do seu pai; nos versos do filho mais velho palpita e resplandece uma nobre eloquencia lirica; uma filha é escultor; outra tem uma notavel organização musical; o filho mais novo revelelou-se um caricaturista vivo, moderno, cheio de imaginação e de *verve*. Herda-se a vibração, a fulguração do talento, como se herdam a cor dos olhos ou o timbre da voz. A educação, o meio, a atmosfera familiar completam a obra da hereditariedade,—e as figuras succedem-se, tocadas do mesmo sopro divino, vincadas do mesmo traço de raça, até que uma figura aberrante extinga aquilo a que Strindberg, o illustre sueco, chamou a «estirpe dos deuses»,—e: marque n'essa familia o começo da felicidade, eternamente desconhecida dos poetas.



O CÉGO



Com a manta de lã enrolada á volta das costas e a velha guitarra a tiracolo, Joaquim, cego de nascença, arastava os passos incertos encostado ao seu bordão, correndo as feiras e as tumultuosas e alegres romarias pelo braço fiel de Mariana, a doce e comovida companheira da sua tristeza e do seu abandono. Errava de porta em porta e de terra em terra, cruzando as claras estradas e os atalhos solitários sob a torreira do sol ou sob o vento e a chuva, tangendo e cantando os elegiacos, evocadores e soluçantes fados da saudade lusitana, que falam sempre de crimes, de naufragios e de malogrados amores. Talvez de tão ansiosamente procurar a luz divina que os seus olhos desejavam, caminhava de frente erguida, tateando o ar á volta com a mão tre-mula, como se fitasse a pobre vista morta nas claridades maravilhosas de um ceo imaginario. E a sua face dolorida e macerada, de males salientes, parecia então aureolar-se de sonho e espiritualisar-se de beleza, na penumbra discreta em que o envolvia o chapéu de feltro de largas abas que trazia na cabeça.

Como nunca tinha contemplado as cenografias maravilhosas e os resplandecentes panoramas da natureza fecunda, com seus rios de verdes águas translucidas, suas florestas cheias de murmúrio, douradas de sol e rescentes de seivas, as suas flores e a sua graça, a cegueira não lhe causava pena, alvorando constantemente na palidez da sua boca a suavidade de um riso meigo. Era, enfim, um resignado ao sofrimento e á humildade. De resto, como trazia bem junto do coração o calor de um afeto feminino, que a sua desgraça havia interessado e que docemente quizera consagrar-se-lhe, julgava-se feliz.

Com uma bondade e uma delicadeza de sentimento, que só as mulheres, ainda as mais rudes e ignorantes conhecem, Mariana conduzia-o nas suas peregrinações de mendigo por trilhos seguros em que os seus pés não tropeçavam. Para abrandar a amargura de tanto infortunio, ela revelava-lhe, durante as ásperas jornadas atravez das povoações rurais, de descampados, de pradarias e montes, a forma e a cor de uma paisagem, que Joaquim idealisava e tocava de finas tonalidades na sua fantasia viva e subtil. Dormiam ambos pelos curraes desertos, pelos palheiros, pelos pateos das granjas afogados em mato quente, que os lavradores lhes ofereciam para pousada: comiam o pão de acaso que a piedade das almas simples e compassivas deixava cair generosamente na sua sacóla, e nunca se queixavam da dureza cruel d'esta miseria. Surpreendiam-se mesmo em certas ocasiões, perto do aconchego das fogueiras que acendiam pelos ermos rusticos para aquecerem os corpos passados de frio, a bemdizer a providencia e a render graças a Deus pela ventura que lhes era concedida.

—Outros haverá mais necessitados do que nós, Mariana!—murmurava Joaquim.

—Pois não ha?—concordava ela.

E, penetrados por uma funda emoção, quedavam-se silenciosos durante horas seguidas, como se meditassem, absorvidos, na ternura da sua felicidade.

N'estes momentos de pacificação e de embevecimento, o cego, como quem avivava as brasas de um fogo apagado, recordava-se indo lá muito longe, aos dias de uma existencia volvida, evocar lembranças vagas com a perspicacia e a frescura de imaginação que de certo a perda da vista desenvolvera e afinara. Ressuscitava a

sua infancia desagasalhada quando, alugado pelos paes a exploradores da caridade, vagabundeava com caravanas de aleijados, de deformados, de enfermos, pelas aldeias e pelas cidades, esmolando. Relembra as tardes soalheiras e poeirantas dos ruidosos domingos de festa, pelos arraiaves sonoros de alarido, em que, sentado á beira das ermidas alvas e piedosas, gritava a sua desgraça com palavras que lhe tinham ensinado para comover osromeiros:

—Céguinho!... Ora compadecei-vos de quem o não não pôde ganhar, meus ricos bemfeitores! O' que noite tão escura!...



Costumara-se de creança a essa existencia accidentada e aventureira, ás privações e ás pancadas—porque os amos batiam-lhe com ferocidade quando a colheita das esmolas era escassa, atirando-lhe com odio a migalha:

—Toma, mostrengo, que nem mereces o que comes! O diabo que te sustente!...

Mas, como só o encanto de um bem que se perdeu desperta nas sensibilidades as grandes magoas irrepárraves, o cego ainda assim vivia contente, porque sem-

pre fóra humilhado e ofendido. Crescera ao desamparo sem encontrar simpatias em ninguém:—mas este ativo destino atenuava-se um pouco, porque Joaquim ignorava os espetáculos do mundo, os seus esplendores, as suas grandezas, a placida existência das almas predestinadas para aspirarem á flôr da vida todo o perfume e todo o enlevo. A sombra densa em que a cegueira o mergulhara tornava uniformes para a sua sensibilidade e para a sua compreensão os seres e as coisas, equalizando-os, nivelando-os no mesmo plano.

Um dia, porém, nasceu uma luz de maravilhosos fulgor no seu entendimento. Um estranho e revelador sopro de primavera agitou o seu organismo de adolescente. Vontades, aspirações, instintos durante muito tempo adormecidos na sua carne e no seu espirito acordaram subitamente e transformaram-n'o. Pareceu-lhe, d'ahi em diante, bem pesada e lugubre a solidão que á sua roda se fazia. A mocidade de Joaquim enforçava, pungida por uma ancia que lhe causava dôr e conjuntamente lhe transmitia gozo e quietude. Essa misteriosa ancia, que não sabia explicar por palavras, desapateava-o, inquietava-o: e, pela primeira vez, experimentou a necessidade de ter ao seu lado alguém que fosse o guia da sua invalidez.

No alarme desta crise singular apareceu-lhe Mariana, como ele ao serviço de donos interesseiros e egoístas, pelo alimento. Contou-lhe ingenuamente a esperança, a ilusão que o traziam enganado, n'uma linguagem singela, que não escondia, pelo artificio, a intensidade emotiva.

—Ah! que se eu visse o caminho para fugir, não me demorava nem mais um instante n'esta servidão!...— exclamou ele.

Estava farto, farto! e cansado de mendigar em proveito de outros, á custa de um pucaro de agua, de farrapos para se vestir e de um pão nem sempre dado sem recriminações! Seduzia-o o repouso de uma vida livre, pedindo unicamente para si o alimento, já que o não podia angariar pelo esforço honesto dos proprios braços, cavando a terra, rasgando a leiva até ás entranhas com a relha do arado para n'ela semear as proféticas sementes que germinariam mais tarde na abundancia das searas!

—Mas tenho de aguentar a minha prisão!—dizia com desalento.

Queixando-se da sua sorte, lamentava-se de que a mãe, ao vê-lo cégo na hora presaga do nascimento, o não tivesse matado, torcendo-lhe o pescoço, já que depois o havia de vender aos primeiros que quizessem compral-o.

—Ha criaturas que vêm a este mundo em maré de maldições!...

Mariana impressionou-se. Compreendia com nitidez a angustia d'aquêle abandono, porque tambem ella era uma abandonada. Os sofrimentos semelhantes na sua origem são solidarios. Com um acento de firmeza e de decisão na voz, bradou:

—Pois se queres, eu acompanho-te!

—Para sempre?—acudiu o cégo em sobresalto.

—Está visto que é para sempre, até á morte!—prometeu ella.

E n'essa mesma noite, pela calada da solidude envolvente, quando os outros dormiam a sono solto estirados nas palhas sêcas que lhes serviam de leito, evadiram-se da tirania, para iniciarem uma existencia nova.

Nunca houve ma's florido e meigo noivado! Faziam agora, só para si, a caminhada melancolica da mendicidade. Paravam deante das tabernas campestres, perto dos adros e das eiras onde as raparigas dançavam ou das casas dos lavradores, cantando as trovas da desdida ao som idílico da guitarra: pediam agasalho nas herdades que se não fechavam com desconfiança á sua aproximação; bebiam no fio das frescas aguas correntes, saciando as sêdes; pelos meios-dias esbraseados de canicula, descancavam á sombra afavel dos pinheiros resinosos, e entre as giestas em flôr e os rosmarinhos cheirosos: e, como não tinham ambições nem o peccado da avareza os consumia, viviam satisfeitos e com pouco se contentavam. Nos suaves instantes em que repousava

das interminaveis peregrinações, o cégo sentia no rosto enrugado e magro o macio e consolador afago de amorosas mãos, que beijava com devoção e reconhecimento.

—Que Deus te recompense pelo bem que me fazes, Mariana!

A companheira implorava-lhe que a não mortificasse, porque a sua ternura não merecia a bondade celeste. A reconhecida era ella, porque só no constante amor de Joaquim encontrara a candura e o encantamento de uma adoração outr'ora sonhada com tanta confiança e que sempre lhe mentira até o conhecer a elle! Recentando a marcha, continuavam o idílio interrompido, pensando silenciosamente na sua ventura. Joaquim, com a mão pousada no hombro de Mariana, ia idealizando a sua figura angelica, iluminada pela claridade de uma formosura sideral. Reconstituia-na mente nova, linda, em plena alvorada de adolescencia, com um rosto que só para elle sorria e com uma boca dulcificada de pureza que só para elle tinha beijos. Sobre a sua cabeça pousaria um luminoso halo radiante que mais fazia esplender tanta gracilidade! Acariciava-na face, passando-lhe levemente a mão sobre a pele que lhe parecia setinosa e sem um vinco, e na escuridão da sua cegueira formava-se vagarosamente uma aparição de virgindade incorruptivel para elle erguia os braços, que lhe pousava a fronte coroadada de astros sobre o peito, que queria escutar as pulsações do seu coração e que se exalava, se dissolvía em luz. N'este cismar inefavel, Joaquim esquecia as suas penurias, imaginava-se n'uma região distante da terra onde toda a rosa ofrecia aroma e toda a alma ofrecia amor, vivendo uma existencia transcendente que nenhuma maldade enxovalhava, ouvindo as musicas flutuantes, as canções das fontes e das brisas, os lirismos inspiradores, as orações dos justos, as confidencias dos namorados. Então, o seu amor por Mariana precisava de clamar em voz alta a infinita gratidão que o repassava.

—Bemdita sejas tu! Bemdita sejas tu! E's o meu anjo!—afirmava elle, abraçando-a com transporte.

Que lhe importava não vêr as coisas transitorias da terra, se adivinhava a beleza da companheira e ao seu lado trazia, mais do que a luz dos olhos extintos, a consolação da sua desventura, uma flôr de abnegação e de sacrificio que lhe tornava a vida leve como as plumas? Do mundo nada mais queria!...

Um dia, porém, mendigando á porta de uma igreja, alguém que lhe deu esmola começou a observal-o com interesse. Dedos ageis pousaram brandamente nos olhos do cégo, erguendo-lhe as palpebras: e, depois de um minucioso exame, o desconhecido disse:

—A tua cegueira tem cura! Dou-te vista quando quizerses! Serás menos desgraçado!...

Era um medico o homem que assim falava: e com que meiga perturbação d'alma Joaquim ouvira a promessa! Ah! durante muitos anos a sua dolorosa enfermidade não o atormentara: mas, depois que Mariana a elle se ligou com uma dedicacão incomparavel e depois que, na embriaguez de uma paixão que o desvairava, elle adivinhara a graça etereal do corpo, começou a ter profundas saudades da luz. Queria ardentemente vê-la, deslunbrar-se no fulgor de uma formosura que os seus sentidos apenas suspeitavam mas que de certo o não desiludiria! Agarrou-se convulsivamente ao medico, para que elle não fugisse, pedindo-lhe com um luar de esperanza no coração que elle desse olhos não para conhecer o mundo, que não invejava, mas para conhecer Mariana, por quem seria capaz de morrer...

Uma semana depois, ao cabo de um benefico repouso, foi operado n'um hospital. Com impaciencia espancava as trevas que sobre elle silenciosamente pesavam: e era com febre e exaltação que esperava a hora de sarar. Mariana estava longe, para que a presença da companheira docil não causasse a Joaquim commoções perigosas. Com ella se encontraria, recuperada a vista preciosa. Aligeirando o tedio das horas que iam correndo, Joaquim pensava com alegria transbordante no momento entre todos bemdito e suave em que sairia da opaca noite da cegueira para entrar no esplendor, na poesia, no encanto revelador da luz, admirando a beleza cer-

tamente divina da mulher que fôra o seu seguro braço, a sua devotada mão amparadora. A morosidade da convalescença irritava-o, vivia n'um devorador desespero: mas, certa manhã o medico ordenou aos enfermeiros que levassem o doente para uma sala onde as janelas tinham sido veladas por espessos stores que faziam no interior uma veludosa penumbra. Abrindo os olhos já libertos, Joaquim entrou em regiões fabulosas. Deus louvado! Agora via, via com verdade! Na meia tinta do ambiente descortinava as fórmas e os contornos dos objetos, que na sua ignorancia achava curiosos e bizarros, contemplava o rosto do medico, do seu salvador, curvado sorridentemente sobre ele e desejando espreitar, perscrutar as suas sensações. Como os homens eram estranhos de aspeto! Não os tinha julgado assim!...

Renascia; e serenado o perturbante sobresalto d'aquelle indizível minuto, começou logo a fantasiar a sua existencia futura, a esboçar largos projetos de fortuna vindoura—d'essa fortuna que para Mariana conquistaria! Quando d'ai a dias saiu do hospital para ir juntarse á companheira, o contentamento transfigurava-o. Os seus passos eram ligeiros e infatigáveis. Como a vida era boa e cheia de gosos! O sol, o ceu, as arvores, as flores, as paisagens humanisadas pela presença de figuras conscientes, eram profecias esplendidas e propicias que a natureza lhe fazia, até ele alcançar, com Mariana, a suprema ventura. Meditando n'isto, acelerava ainda mais a marcha. Pela estrada,—que era o caminho da redenção—encontrava as jóvies raparigas resplandecentes da juventude, da beleza e da pureza da virgindade. Esta visão era bem afável para a sua alma, e contudo não se demorava a admiral-a, porque Mariana seria mais bela do que todas as mulheres. Oh! dizia-lh'o um presentimento que o não iludiria!

Ao chegar perto do pardiêiro em que a companheira devia esperal-o, sufocava de emoção: e foi todo tremulo e hesitante que empurrou a porta, gritando:

—Mariana! Mariana! Anda cá, porque já vejo, santo nome de Maria!...

Ela appareceu logo, atirando-se-lhe ao peito e apertando-o n'um abraço estreito.

—Graças ao Senhor!—murmurava, estreitando-o mais.

—Já basta, mulher! Deixa-me vêr-te primeiro! Devo-te tanta gratidão!

Joaquim pousou-lhe com brandura a mão sobre a cabeça, que afastou um pouco e envolveu-a n'um olhar de meiguice infinita: mas immediatamente recuou com espanto.

—Tu és Mariana?

—Sou eu mesma!—exclamou ella com os olhos orvalhados de pranto.

Justos ceus! Era velha, horriavelmente feia, com a pele do rosto esqualida toda engelhada. Já não tinha dentes e a sua mocidade—se algum dia a tivera—havia morrido ha muito.

—Sou eu! Sou eu, minha Mãe de Misericórdia! Pois que pensavas tu? Agora, bem sei, já me não queres. Paciencia! Tinha de ser e eu não estranho. Estou costumada!...

Ah! não! Joaquim queria-lhe ainda com o mesmo afeto, com a mesma ternura, com a mesma piedade amoralvel, pela doçura que ella comunicára ás suas amarguras passadas. A surpresa, porém, foi cruel e alucinou-o: mas, serenando e entrando na realidade das coisas, afagou Mariana, enxugando-lhe as lagrimas. Na sua dôr, porém,—na dôr do seu sonho traído—desejou com raiva, com furor, com colera, tornar a cegar e para sempre, para que outra vez voltasse á sua existencia feliz por um amor perdido, uma felicidade que supôz ter segura na mão e que tão ironicamente lhe fugia.

—Porque me não deixaram ficar cêgo para toda a vida?—perguntou elle com um soluço que o abafou... Seria mais venturoso no engano do que o serei na verdade!...

JOÃO GRAVE.



Os acontecimentos da madrugada de 27 de abril



Na madrugada de 27 de abril deram-se em Lisboa acontecimentos anormaes. Um grupo de populares, colocando-se em frente do quartel de infantaria 5, na Graça, fez explodir algumas bombas de dinamite, vindo o regimento para a rua a fim de impedir que eles invadissem o edificio. Dentro em pouco, d'entre o regimento, saiu o capitão sr. Lima Dias conduzindo umas cincoenta praças e alguns sargentos, sendo recebida aos vivas á republica radical pelos populares que seguiram a tropa em direção a engenharia, onde se tentou sublevar os soldados, mas sem resultado. Alguns elementos aventavam que estavam nas ruas os monarchicos



1. A séde da Federação Republicana Radical de que faziam parte os srs. general Fausto Guedes e capitão-tenente Fontes Pereira de Melo, presos como implicados no complot de 26 d'abril.—2. O capitão, sr. Lima Dias, que saiu do regimento de infantaria 5 com 47 praças, indo em direção a engenharia, sendo depois preso e desarmado por uma força de cavalaria.—3. Os soldados de infantaria 5 revolucionarios, presos no arsenal de marinha antes de serem embarcados para o cruzador *Republica*.

a fim de condu-
zirem os milita-
res, mas os ofici-
aes declararam
que não sairiam
sem ordem do
quartel general,
seguinto então
o pequeno troço
de tropa pelo
Forno do Tijolo
e indo até á
Penitenciaria,
mas já desacom-
panhado de civis.
Ali, o capitão
Lima Dias declara-
rou que vinha
para proteger
o edificio e re-
tirou-se pouco
depois com os
seus ho-



O capitão de fragata sr. Julio Galis, comandante do *Republica* para onde foram presos os revoltosos, conversando no Arsenal com o capitão de mar e guerr sr. Viara Bastos, diretor dos serviços marítimos.

mens, pretendo-
do entrar no
regimento do 5
para onde vol-
tou, mas d'on-
de o repeliram,
acabando por
ser preso com
os seus soldados
na Avenida Al-
mirante Reis,
por um esqua-
drão de cavale-
ria 4, ao qual
se juntou outro
de lanceiros,
sendo condu-
zidos os revol-
tosos para o
Arsenal da Ma-
rinha e d'lip ara
o *Republica* e o
chefe para



A bordo do rebocador *Vale do Zebro*: Os revoltosos conduzidos para o *Republica*, onde ficaram presos.

Na casa da balança: os revoltosos de 21 de abril, na casa da balança, antes de serem conduzidos para bordo.

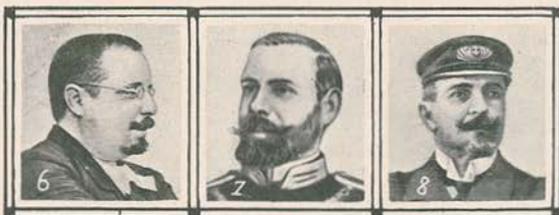
o seu regimento, onde ficou. Também o capitão sr. Viara de Andrade, que foi ao quartel general como parlamentar dos rebeldes, ficou detido, assim como o subalterno da força do capitão Lima Dias, tenente Ferreira Diniz. Ao mesmo tempo eram ordenadas prisões d'outros individuos, alguns d'elles de categoria social, acusados de terem tramado o golpe em reuniões, algumas das quaes realizadas n'um cubiculo de certa mercearia da Avenida Almirante Reis, conhecido



pelo Club dos Suicidas, em vista de ser forçado por cartazes d'esta peça do Grand Guinol.

Tambem na Federação Republicana Radical, onde, segundo parece, se combinara a sublevação, foram presos, durante a noite de sabado, varios individuos como agitadores e cúmplices n'aquelle movimento que o governo declarou na Camara de ha muito conhecer, desejando, todavia, que ele se realizasse para o aniquilar, apesar de entrarem n'ele alguns dos heroes autenticos da revolução republicana, que correrão a mesma sorte dos outros revoltosos.

Na noite de segunda,



a bordo do cruzador S. Gabriel, foram disparados tres tiros de peça com intuitos desconhecidos, não passando d'isso os a conteci-

mentos, sendo presos alguns marinheiros como autores e instigadores do ato platonico que causou, ainda assim, algum alarme em Lisboa.

O sr. dr. Lomelino de Freitas foi preso, dizendo-se que era um dos indigitados ministros se o *complot* vencesse, tendo-se posto em fuga o advogado Mario Monteiro e o agitador Judice Biker, já preso.

Foi tambem recolhido no Limoeiro o editor sr. Gomes de Carvalho, antigo revolucionario republicano.



Alguns dos individuos presos como implicados no movimento

1. Tenente sr. Francisco Alexandre Lobo Pimentel, que pertenceu á guarda republicana e foi um dos heroes da Rotunda—2. Tenente sr. Ernesto José dos Santos, um dos heroes da Rotunda—3. General sr. Luiz Fausto Guedes Dias—4. Capitão sr. José Carzedada de Sousa Viana Andrade, promotor de justiça dos tribunales marciais, que foi parlamentar ao quartel general em nome dos revoltosos—5. Tenente sr. Antonio Joaquim Ferreira Diniz, subalerno da companhia de infantaria 5, que saiu com o capitão Lima Dias—6. Dr. Lomelino de Freitas, que era indicado para ministro da justiça, segundo os jornaes—7. Capitão de mar e guerra sr. Soares André—8. Capitão tenente sr. João Serejo Junior—9. O sr. major general da armada. ◊ Informando-se dos acontecimentos, no Arsenal da Marinha—10. Os sargentos d'artilheria revoltosos á saída do quartel de Campolide (Cliché Benoliel).

FIGURAS E FACTOS



Aspéto da exposição de rosas reaísada em Faro revertendo o produto em favor da Santa Casa da Misericórdia da mesma cidade. A exposição foi muito concorrida apresentando-se uma lindíssima coleção de cerca de 300 variedades. Foram expositores os sr. dr. Virgílio Inglês, engecheiro Carlos Albers. Domingos José Guerreiro, José Alexandre da Fonseca, José Franco Pereira de Matos, Manuel José da Fonseca, Abrão Aurran, Honorato Pires Santos, Francisco José Pinto.



Visita do governador civil do Porto a Vila do Conde, á saída da Camara Municipal: o governador civil; dr. Canavarro, administrador do concelho; dr. Luiz Maia, presidente da Camara. Povo á saída da Camara.
(Cliché do distinto amator sr. J. Adriano)



Sr. Domingos Ferreira Teixeira, negociante, falecido em Pedra Prado e Temes, nascido no dia 24 de abril.



General Belisario de Saavedra, falecido em Pedra Prado e Temes, nascido no dia 27 de Abril.



Os srs. 1 Antonio José Diogo, medico; 2 Luiz da Costa Pereira secretario da Camara; 3 Antonio Agostinho Coelho Silva Junior, secretario de finanças; 4 dr. Manuel Fernandes Dias; 5 Luiz Augusto Gomes, escrivão de direito; 6 Pedro Tomaz de Souza Lobo, tesoureiro de finanças, todos de Vila Nova da Cerveira.



Engenheiro Antonio Vaz Gomes

Durante um comicio realisado em Londres, promovido pela sr.^a Duqueza de Bedford, contra os pretendidos maus tratos aos presos politicos portuguezes o nosso compatriota, o distinto engenheiro sr. Antonio Vaz Gomes quiz desmentir aquellas fementidas indicações sendo espancado e posto fóra do local do comicio onde tão dignamente defendeu o bom nome portuguez.



Mademoiselle Palma Marcantoni, distinta amadora de canto que tomou parte no concerto promovido pelo illustre pianista Rey Colaço nos saões do palacete Palmela, sendo muito aplaudida (Cliché Lazarus)



O general sr. dr. Henrique Xavier Cavaco, falecido em Faro galhães e Silva, falecido em 23 d'abril. General de divisão Emilio Henrique Xavier Nogueira, recentemente falecido. Sr. Manuel dos Santos Fonseca, capitalista, falecido em 23 de abril.

O novo ministro da França em Lisboa, mr. Daeschener, é um dos mais distintos diplomatas d'aquelle paiz e que em 24 de abril entregou as suas credenciaes ao presidente da Republica.

Acompanharam-no os secretarios da legação



sr. visconde La Tour e monsieur Montili sendo a cerimonia revestida da pompa do uso em taes atos efficazes depois o novo enviado francez conversando com o sr. dr. Manuel de Arriaga que o apresentou aos membros do governo.

O novo ministro da França em Lisboa mr. Daeschener com o secretarios da legação no dia da entrega das suas credenciaes a S. Ex.^a o Presidente da Republica.

A excursão automobilista a Mafra



Realizou-se mais uma excursão automobilista, genero de diversões que vão tomando um grande desenvolvimento a ponto de se fazerem qua-



si todos os domingos com grande numero de carros como sucedeu com a ultima que foi a Mafra e decorreu magnificamente.



1. A partida dos excursionistas da Rotunda para Mafra.—2. Um belo e improvisado lavatorio á chegada ao convento de Mafra.—3. A organização do regresso: Os automoveis momentos antes da largada para Lisboa.

Ao Dançarina Nua Adorée Villany

Mademoiselle Adorée Villany, a bailarina húngara que ha pouco ofendeu o pudor da justiça franceza exhibindo-se, nua, na Comédie Royale, dansou agora, ligeiramente mais velada, n'um outro palco de Paris. Por vezes ainda todo o seu vestuario é um ligeiro veu abaixo da cintura; n'um dos numeros do seu programa é mesmo nua que ela se mostra, em silhueta, atravez d'um *écran* de tela branca. Mas a moralburgueza que busca, no fim de contas, quanto pôde conciliar-se com a pavorosa dissolução dos tempos d'hoje, dá-se por contente com a tanga e não perscruta demais o que se lhe mostra em sombras no *écran*. A pudicicia excessiva—, onde ha sempre uma



A dançarina Villany, na *Dansa grega*

parte, tão antipatica como grande de hipocrisia—, parece ter passado o Atlantico e fixado dominios no paiz dos dollars. Ha dias, n'uma das suas conferencias mundanas, o elegante mr.

veus, de Salomé, a dança da escrava assiria, a dança que a princeza dansava n'um banquete do Egipto, a dança d'Apis, egipica tambem, a dança romana de Phrynea deante dos juizes. a dança

de Fouquières, regressado recentemente de New York, onde foi ensinar boas maneiras e lindos nós de gravata aos atarefados *yankées*, contou que a camara de um dos estados americanos vae discutir o projeto de lei d'um senador que quer aplicar uma multa a todas as damas cujo decote meca mais de duas poiegadas. E mademoiselle Napierkowska, a bailarina que ha tempos Lisboa aplaudiu, acaba de vêr proibida, como imoral, pela policia americana, a *Dansa da abelha*.

Essa *Dansa da abelha* que é, ao que parece, de origem judaica, dansa-a tambem mademoiselle Villany nos seus espectaculos. Dansa essa, como dansa tambem a *Dansa dos sete*

que as cristãs perseguidas dançavam nuas nos circos, e finalmente dois exemplares graciosos de coreografia moderna e uma interpretação mimica, muito interessante, da marcha funebre de Chopin. E, por minha fé lhes digo, meus senhores, que o espectáculo d'essa mulher quasi nua reproduzido com o seu corpo fino de morena, as poses d'uma estatua cheia de graça, de estilo e de harmonia, não me pareceu de nenhum modo imoral.

Em Munich, onde a policia foi especialmente severa para com essa artista, o dr. Max Halbe, sabio considerado, afirmou que, ao vê-la, outra coisa mais não sentira que «um sentimento d'elevação sublime em presença da obra prima da criação de Deus». O sabio, certamente, exagerou. Mas é de justiça afirmar que pertence aos dominios da arte e nunca aos da pornografia a exhibição d'essa mulher cujo composito de adolescente é, aliás, deveras lindo e cujo rosto, menos irrepreensível, tem a mobilidade, a nitidez de traços, a expressão vigorosa, que permitem uma mimica perfeita.

Tive ocasião de trocar algumas palavras com mademoi-

selle Villany. Pareceu-me pouco cabotina, sinceramente consagrada ao apostolado da sua arte, da arte da dansa, tal como ela a compreende e proclama «renovada sob o ponto de vista da fórma, da cor, e da sua propria essencia.» As suas maneiras não tem nada de comum com as das estrelas vulgares nos meios tea-

traes d'este paiz. Na sua modesta ante-camara da casa d'hospedes dir-se-ia a mais banal das burguezinhas, fiel ao segundo official que a esposou.

A sua



Villany, na *Dansa de Salomé*

aventura com a justiça parisiense não a surpreendeu: era pre-

vista. Sempre que ela se apresenta em qualquer cidade pela primeira vez, aguarda a hipotese, geralmente confirmada, de uma intervenção da autoridade, em nome da moral.

Invariavelmente ela expõe aos juizes ou aos commissarios de policia as suas concepções d'arte e fica quite com a moral desencanaixotando as tangas e o *écran*.

Esses episodios, por vezes comicos, e os mais notaveis incidentes da sua vida de artista, e os principios da sua arte e as fases successivas da sua catequese, conta-os ela

em um livro, profusamente ilustrado, já impresso em hungaro

e em alemão e que brevemente va sair em francez.

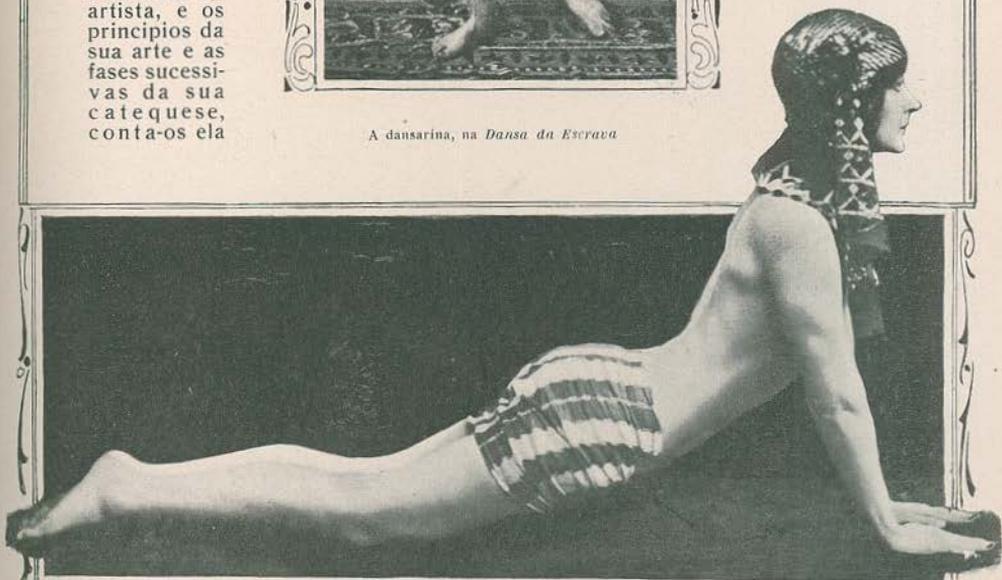
E, dentro em pouco, mademoiselle Adorée tomará o caminho da America do Norte... se, todavia, o exemplo de mademoiselle Napierkowska a não desanimar.

Paris, abril de 1913.

Paulo Osorio.



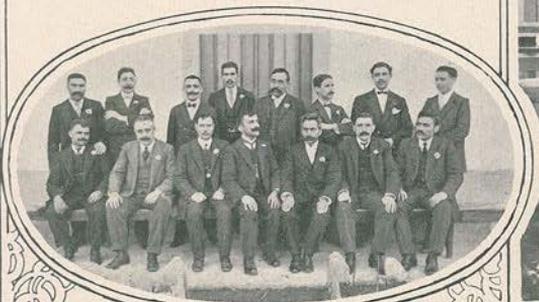
A dansarina, na *Dansa da Escrava*



Villany, na *Dansa Apis*.

Algumas freguezias continuam a festa da arvore

A festa da arvore que ultimamente se realizou em Serzedo, proximo de Gaia, foi muito concorrida tendo merecido os mais rasgados e francos elogios aos seus promotores. Do mesmo modo a que se fez em Santarem teve grandes aplausos sendo muito brilhante a coadjuvação dada pela comissão d'esta cidade á bela iniciativa do «Seculo Agricola.»



A comissão dos festejos em Serzedo, Gaia.

A festa da arvore em Serzedo, Gaia: As professoras sr^{as} D. Julieta Augusta da Fonseca e D. Maria de Jesus Saraiva



No local da plantação das arvores: a comissão, as creanças e professores em Serzedo.



Em Santarem: No ato da plantação das arvores.



Grupo das senhoras que serviram o lanch às creanças das escolas.



O lanch oferecido a seiscentas creanças no largo das escolas em Santarem (Clichés do distinto fotografo amator sr. Joaquim Mata)



O ilustre poeta Antonio Correia d'Oliveira

O Perdão das Árvores

Versos extraídos do livro a «Criação»
do sr. Correia d'Oliveira

Eis-nos mortas, de rastos, pelo chão!
E fomos belas, altas e frondosas.
E demos doces frutas saborosas
Que mataram a sede e foram pão.

Em nós, cheias de enlêvo e mansidão,
Fizeram ninho as aves amorosas.
Pelas séstas de julho a arder, piedosas,
Fomos a sombra e a voz da solidão.

Fomos o berço do homem e o seu lume:
Demos-lhe bençãos, cantos e perfume;
Caixão em nós descança, até final.

Damos a vida a quem nos tira a vida:
Mas só nos doe a ingratidão sofrida
De um mal inútil,—feito só por mal!

VIDA ESCOLAR



Professores e alunos do 4.º ano do liceu Sá de Miranda em Braga.—(Cliché dos distintos fotografos Guerra e C., Braga)

Creou-se em Lisboa uma Liga Alemtejana que conta já grande numero de socios e que coadjuvou, como um inicio aos seus trabalhos, a festa do orfeon de Evora, que no teatro Republica

se devia apresentar n'um espectáculo em honra dos seus conterraneos que acabam de se ligar para a defeza dos interesses regionaes.



Orfeon academico Evorense, que se prestou a coadiuvar generosa e brilhantemente a Liga Alemtejana no espetaculo por ela promovido no Republica. No arco do centro vê-se o reitor do liceu e o presidente do orfeon sr. dr. Manuel Gomes Fradinho. Ao lado esquerdo o professor sr. Armando Melo tesoureiro e do lado direito Silva Reis regente do orfeon.

O desafio de tennis na Foz do Douro

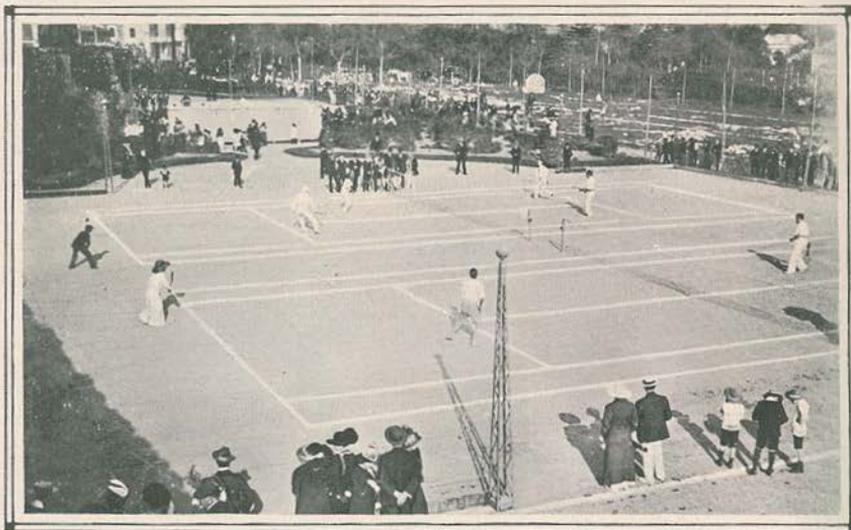
Foi interessantíssimo o torneio de tennis entre os jogadores de Lisboa e os do Porto de ha muito anunciado e que constituiu, na realidade, uma magnífica diversão desportiva.

Os grupos eram compostos por alguns dos nossos mais distintos



A assistencia.

tenistas que pertencem á primeira sociedade das duas cidades. O desafio realisou-se na Foz diante d'uma numerosa assistencia que fez do campo do jogo um ponto de reunião elegante onde concorreram as mais formosas senhoras portuenses.



Um aspéto do torneio n'um momento movimentado.



O grupo de Lisboa que venceu no desafio de tenis



O grupo de tenistas do Porto

UM BATALHÃO DE VOLUNTARIOS PORTUGUEZES = NA CHINA =

Em Shangae ha um exercito voluntario de que é comandante o coronel inglez Farnes e no qual está incorporado—seguinto a tatica do noss exercito—uma companhia de portuguezes, que se intitula Companhia Portuguesa do coronel Mesquita, o heroe de Passaleão.

O efetivo d'esse corpo, cujos uniformes são fornecidos gratuitamente pelo conselho municipal, á excção dos que usam em passeio, é o seguinte:

Tres officiaes, seis sargentos, sessenta e oito cabos e soldados em serviço ativo, um sargento e onze soldados em reserva, além de um official e quarenta soldados de caçadores.

Os voluntarios portuguezes teem as suas casernas, os seus postos, pagando para isso uma joia d'entrada, além da quota mensal, sendo toda esta administração regulada pelos officiaes e sargentos.

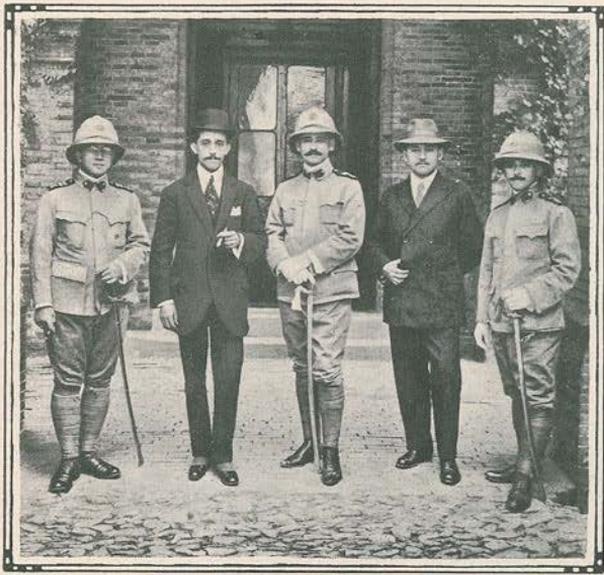
Anualmente, em outubro, a companhia vae para a carreira de tiro e fica acampada tres noites e dois dias. E' n'este tempo que os soldados comprehendem bem todos os encargos da vida militar,

porque não lhes sendo permitido levar os seus creados, se veem obrigados a fazer todos os trabalhos. A companhia de caçadores, fundada em dezembro de 1911, é composta por individuos cuja idade não lhes permite estar nas fileiras e que andam armados de caçadeiras, propriedade individual, tendo o dever de guardar o Club União, que é o quartel dos voluntarios.

Já varias vezes se teem mobilisado e prestado

bons serviços estes dedicados portuguezes e ainda ultimamente por occasião da revolução chinesa.

Coube-lhes a tarefa de ocupar a estação do caminho de ferro de Schangae



O comandante da Companhia dos Voluntarios portuguezes tendo á sua direita o consul de Portugal em Shangai o sr. Gastão Bariona e á sua esquerda o vice-consul interprete Pedro Nolasco e os subalternos da companhia.



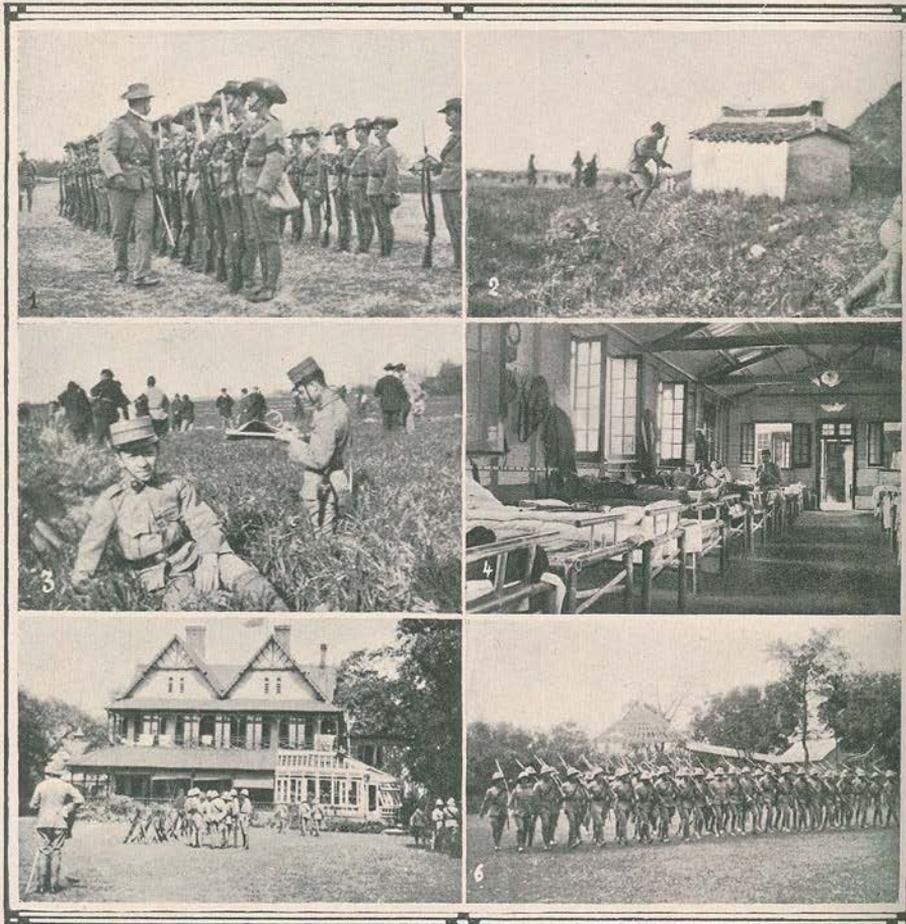
Os voluntarios portuguezes depois d'uma recepção official realisada no consulado de Portugal em Schangae

Nanking Railway & C.^a, a fim de impedir os revolucionarios de se utilizarem da linha para o transporte das suas tropas. Só dois soldados faltaram ao serviço, que se fez desde as 5 da manhã às 10 da noite ininterruptamente, sendo os homens alimentados parcamente.

Ninguem se queixou.

lhe fez um rasgado elogio, conforme consta do Shai Mercury.

Tambem em 1910, quando da peste bubonica, a companhia se mobilizou para impedir que se espantassem os inspetores da policia sanitaria e varias vezes tem estado de prevenção, sobretudo depois que começou o desarmamento dos regimentos chineses



1. Passando a revista.—2. Avançando em ordem dispersa.
3. Sinalheiro lendo uma mensagem.—4. Caserna dos voluntarios.
5. Exercício no jardim do consul Barjona em Shanghai.
6. Exercício preparatorio.

A companhia deu tantas provas de boa vontade e energia que, publicamente, nas festas de Town-Hall, o comandante em chefe, coronel Barnes,

dos suburbios de Schangae, após a republica.

Entre os soldados voluntarios está um dos melhores atiradores da cidade

o sr. Adolfo Colaço, que honra a companhia, a qual é dos melhores corpos de voluntarios da cidade, apresentando-se magnificamente, seguindo a tática do nosso exercito, o que lhe foi permitido quando se concedeu que os japonezes usassem a das suas tropas.



Os voluntarios entretendo as pessoas das suas familias no acampamento.
2. Os voluntarios portuguezes guardando a estação do caminho de ferro em Schangae, quando da revolução chinesa.

E', pois, um admiravel exemplo de qualidades militares que os nossos compatriotas dão em Schangae, destacando-se entre os voluntarios como dos mais disciplinados e valentes.



Cape Camlen e portuguezes residentes em Schangae, quando da recepção official em 5 de outubro ultimo, aniversario da Republica. Ao meio o sr. Gastão Barjona o consul de Portugal,

EM TIMOR: A chegada do novo diretor da Alfandega



1. Vista da ponte caes tirada do interior d'Alfandega com o vapor 'Dily' atracado á ponte para solenizar a chegada do novo diretor d'alfandega.

dos e por todo o comercio de Dily que a sua chegada é festejada entusiasticamente.

Isto demonstra bem as grandes qualidades do funcionario que zelando os interesses do Estado o faz de fórma a merecer os respetos e a amizade de toda a gente que o saudava de tão expontanea maneira.



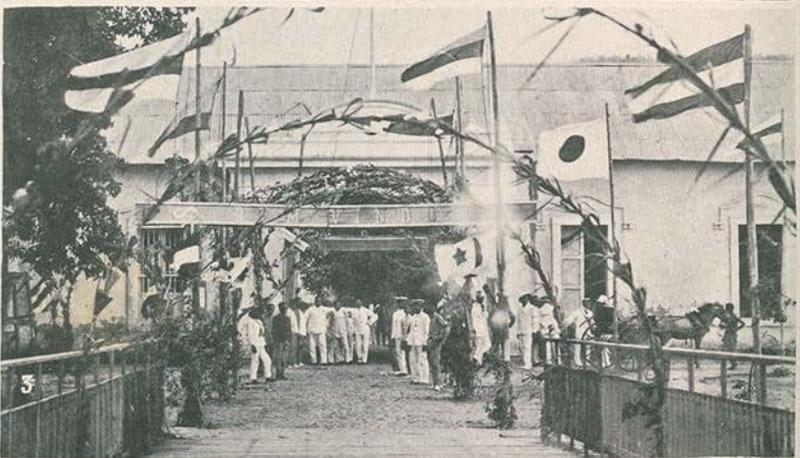
O sr. capitão Gonçalo Pimenta de Castro, diretor da alfandega de Dily.

O distinto diretor da alfandega de Timor, capitão sr. Gonçalo Pimenta de Castro, é tão considerado pelos seus subordinados

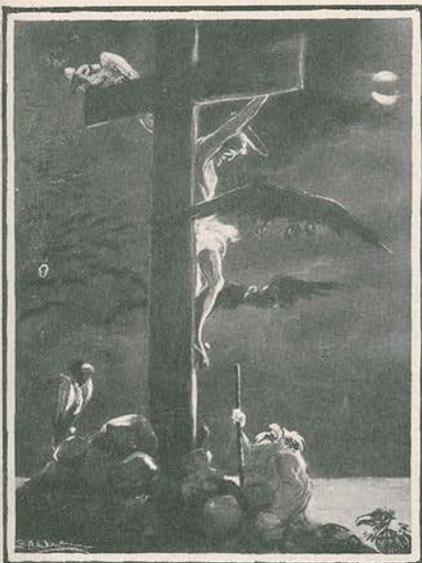


2. Grupo organisador dos festejos para a chegada do novo diretor.

3—Outro aspecto da ornamentação da ponte caes.



A Velhice do Padre Eterno



E no topo do calvario erguia-se
uma cruz
E pregado sobre ella o corpo de
Jesus.

A *Velhice do Padre Eterno*, o admiravel trabalho de Guerra Junqueiro, cujo apparecimento foi um retumbante exito e cuja forma teve uma influencia decidida n'uma camada literaria e politica, conta uma nova e esplendida edição que mais curioso torna ainda esse livro consagrado.

Leal da Camara, o caricaturista original, illustrou



Leal da Camara, o distincto caricaturista autor das illustrações.

pleto e com um novo encanto.

Para cada pagina encontrou uma nota larga, para cada cantico uma vinheta em que a graça se liga á critica, como é proprio dos versos de Junqueiro, n'aquella sua fase turbulenta e demolidora.

D'essa bela edição extraimos algumas das mais interessantes gravuras, pelas quaes se vê como o artista se dedicou ao seu trabalho, que, certamente, deve ter causado impressão no autor d'aquellas paginas que durante anos a mocidade irreverente das escolas declamou de cór, tal era o culto votado á forma nova que vinha impôr-se e revolucionar.



Guerra Junqueiro, autor do celebre livro a *Velhice do Padre Eterno*.



E Jesus ficou só na
noite desolada
n'aquella colossal Ba-
bylonia impudente.

essa obra e soube tão bem expressar com o seu lapis as idéas, as sínteses, os ataques do poeta, ligou-se tão bem ao espirito do livro que ele, assim, nos parece mais com-

Gravuras extraídas de volume editado pela casa Lelo & Irmão, do Porto.



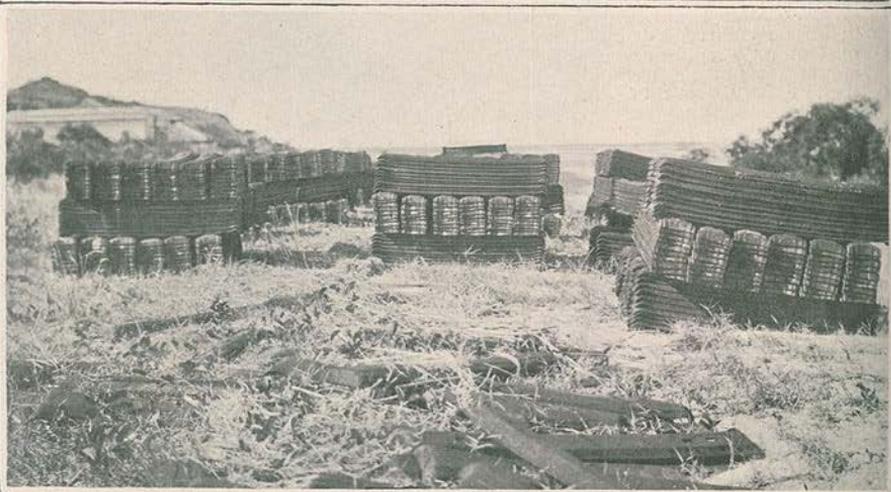
Logo de madrugada O padre cura foi para o quintal.

A SORTE D'UM CAMINHO DE FERRO EM AFRICA

Linha de Inhambane a Inharrine

Não tem conta os clamores contra a falta de dragagem dos nossos portos d'Africa e de construção de novas linhas ferreas que cortam os vastos e bravios territorios das nossas colonias. E' preciso primeiro que tudo ao nosso comercio colonial proporcionando-lhe todos os meios de comunicação terrestre, maritima e fluvial. Parece que a instancia d'estes clamores se volta sempre para o descuido do governo da metropole; mas ha factos curiosos que

provam que os negocios da administração colonial não marcham muitas vezes por causas absolutamente locais bem pouco explicaveis. Está n'este caso o caminho de ferro de Dudune a Inharrime, em Inhambane, que se encontro parada ha 2 anos, estando uma grande parte do material estragado porque a cobre o mar na enchente e a outra naturalmente já estragada porque está sempre coberta d'agua. O prejuizo do material já anda por 100 contos de réis.

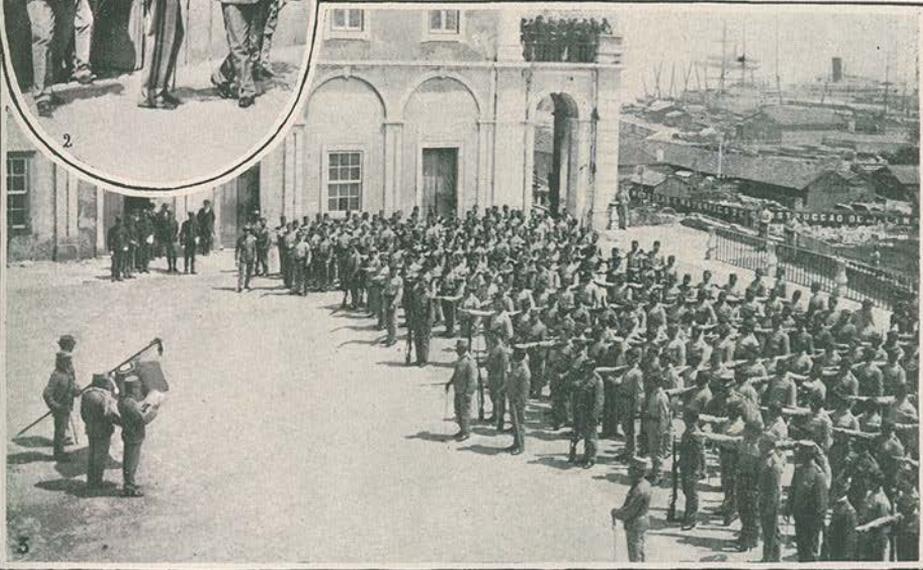


Fotografias enviadas á «Illustração Portuguesa» pelo sr. José Flôres, director do jornal republicano democratico «A Alvorada» de Inhambane, pelas quaes se vê o abandono a que está votado ha dois annos o material destinado á construção do caminho de ferro de Inhambane a Inharrine.

O juramento de bandeiras nos regimentos de Lisboa



1. O juramento de bandeiras em infantaria 5, em cu'o quartel se deu o movimento revolucionario na madrugada de 27 de abril.



2. O sr. coronel Correia Barreto, comandante d'artilharia 1, no dia do juramento de bandeiras ccom o sr. general da divisao.—3. O juramento de bandeiras em infantaria 2.—(Cliches de Benoitel))

A inauguração do monumento aos "boers" mortos em Portugal

O sr. ministro da Inglaterra inaugurou no cemitério da Estrela um monumento à memória dos boers que morreram em Portugal quando para aqui emigraram, depois da guerra uns e de Lourenço Marques, onde se refugiaram, foram enviados para a metrópole outros. A cerimonia demonstrou bem quanta nobreza o povo inglez guarda em



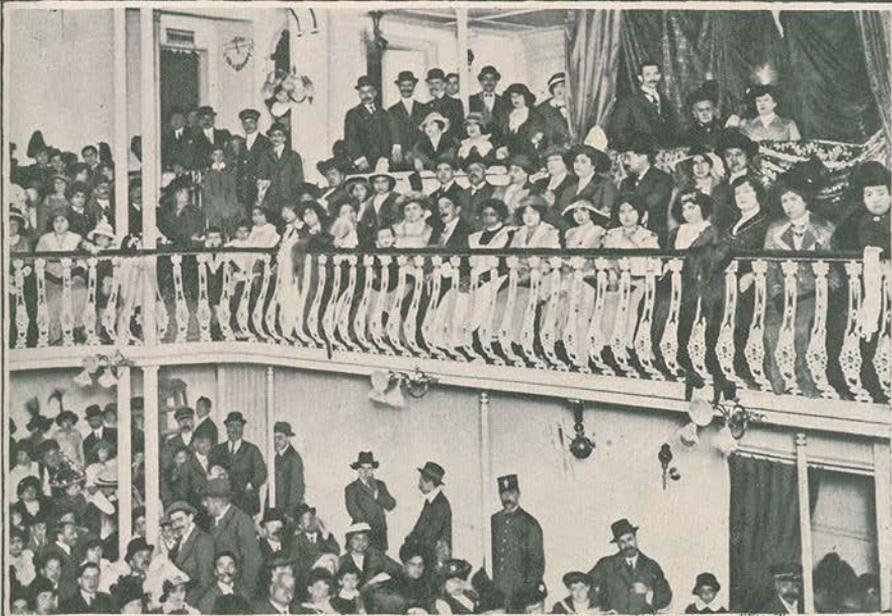
si, honrando assim as cinzas d'alguns dos bravos que os seus exercitos venceram depois de uma luta titanica.

Sir Harding, n'uma allocução, falou do patriotismo d'aqueles que dormem agora ali á sombra dos esguios ciprestes sob aquele monumento simples mas glorioso e depois os sacerdotes fizeram as orações funebres do ritual.



1. O monumento, no cemitério dos inglezes—2. O rev. dr. Lewis, da capela de S. Jorge, e o rev. Silghow, da igreja presbiteriana, oficiando na cerimonia. (Clichés Benoliel).

Colônia brasileira em Lisboa



Festa elegante dedicada à colônia brasileira por ocasião do aniversário do «Olimpia», vendo-se no camarote a família do sr. consul do Brazil em Lisboa.



Outro aspeto da sala do «Olimpia» na festa dedicada à colônia brasileira. (Clichés Benoiel).

Costumes Portuguezes



CAMPONEZA DE PERRE

(Cliché do distinto amador fotografico sr. J. A. Pereira de Carvalho)



Código penal

artigo * * *

PEÇA EM 1 ATO DE ANDRÉ BRUN

Personagens

Luiz—Antonio—Maturino—Maria do O'

Na Boa-Hora.—No gabinete de um sub-delegado.
Atualidade

A cena representa o gabinete do sub-delegado de uma das varas de Lisboa. Porta ao fundo, de sarja verde com olhaes. A direita do espectador uma mesa carregada de papeis, onde está sentado Maturino escrevendo. A esquerda uma secretária também carregada de papeis. Nas paredes estantes cheias de processos. Junto á secretária uma cadeira de braços. Mais duas cadeiras de pathinha. Um escadote junto a uma estante. Sobre a secretária, n'um copo banal, desfolham-se duas rosas-chá.

CENA I

Maturino e Antonio

Maturino está escrevendo. A porta abre-se para dentro e entra Antonio. Tipo novo, 30 anos, parecer severo. Maturino é homem de 60 anos, farpela coçada, meio calvo, parecer cansado.

ANTONIO.—O senhor doutor está?

MATURINO (*levantando-se*)—Não pode tardar. A audiência está para as 10.

ANTONIO (*puxando o relógio*)—Bem. N'esse caso espero.

MATURINO (*indicando-lhe uma cadeira*)—Faz favor de se sentar. (*Antonio senta-se, toma o jornal que está sobre a secretária. Maturino volta a escrever. Um silêncio.*)

ANTONIO (*pondo o jornal de parte*)—Muito trabalho... hein?

MATURINO—Alguns. Aqui ha sempre. A maldade nunca se acaba.

ANTONIO—A audiência é de jurí?

MATURINO—Hoje é amanhã. Hoje é uma mulher que deitou o filho fora n'um vão de escada. A'manhã é um rapasola que matou a amante que o enganava... Mulheres!... Sempre as mulheres!... Não ha nada peor cá n'este mundo...

ANTONIO (*sorrindo*)—Pobres d'elas!... Quasi sempre.

MATURINO—Isso diz Vossa Senhoria, que é um rapaz novo. E' proprio da sua idade. A gente nova não vê certas coisas e as saias são o diabo... Mas eu?!... Sessenta... E trinta e quatro passados aqui a copiar processos. Fique Vossa Senhoria sabendo...—isto diz-lhe um homem que viu mundo pelos seus olhos n'outro tempo e ainda hoje o vê através d'estas papeladas—todc o mal que vem ao mundo, vem por causa das mulheres.

ANTONIO—Alguns bem ha-de vir á mistura...

MATURINO.—Engano. Uma hora de alegria que nos dêem é para nos mielar a alma no inferno anos sem conto.

ANTONIO (*levantando-se*)—O meu amigo é, no tocante a mulheres, bastante pessimista.

MATURINO—Sou escrevente e tanta miseria me tem passado pela pena que já nada me comove... Abro um processo... oral... é mais certo que haver pardaes nos telhados... é logo uma mulher que se desgraçou ou a desgraçar alguém. Uns matam, outros roubam, outros ferem, mas sempre, no fundo, lá está o bicho femea. Raça vil...

ANTONIO (*abeirando-se da mesa*)—Alguna lhe pregaram ao senhor...

MATURINO—A mim?... Uma...

ANTONIO—Por isso as detesta a todas.

MATURINO (*levantando-se*)—Quando aquella me enganou, que eu julgava a melhor, que hei-de eu julgar das outras? (*Volta a sentar-se. Mudando de tom*). O senhor doutor não tarda...

(*Um silencio, Antonio passaie*).

ANTONIO (*interessado*)—Com que então enganaram-no?

MATURINO—Coisas cá da minha vida... Casos que sucedem.

ANTONIO—Uma mulher?

MATURINO—A minha... Mulher recebida, sim senhor; Já lá vão vinte e... vinte e dois anos. Quer Vossa Senhoria saber?... Apareceu-me um dia a tentar-me uma cara de perdição. Era linda a maldita e vae eu casei com ela. Não via outra coisa. Ceguei-ras que dão na gente. Nasceu-me uma filha e começaram a dizer-me que a pequena não era minha, que a minha mulher me falseava... Vê o senhor! A mim, que não tinha uma hora de alegria longe d'ela, que suspirava por ela, que, á noite, quando saía d'aqui, levava horas a ver-me nos olhos d'ela, olhos falsos e que me pareciam falar verdade. Quando me disseram que me era falsa, eu ri-me. Podia lá ser. E contei-lhe a ela. Riu-se a malvada. E era verdade; sabe o senhor? Um dia vou para casa... tinha abalado... tinha fugido com o outro, o tal... que eu a bem dizer nunca indaguei quem era. Fiquei tolhido...

ANTONIO—Nunca mais a viu?

MATURINO—Nunca mais...

ANTONIO—E a pequena?

MATURINO—Levou-a. Tirou-m'a. Deve estar uma mulher. Aquilo saiu á mãe com certeza. São todas o mesmo: sem coração, sem alma; se é que a gente tem alma. Olhe a d'hoje... a que vão julgar. Tinha um filho... Pois botou-o ao desamparo, á noite, n'uma escada. Ah! Costa d'Africa para onde elas fossem todas... todas... (*entra Luiz. Maturino levanta-se e em tom de grande respeito*). Senhor doutor. Criado de Vossa Excelencia. Vossa Excelencia, bem? Tudo quanto pertence?

CENA II

Os mesmos e Luiz

LUIZ (*abrindo os braços a Antonio*)—Oh Antonio! Tu por aqui? Quando chegaste?

ANTONIO—Hontem. A' noite soube por acaso que estavas sub-delegado em Lisboa. Indaguei e disseram-me que tinhas hoje audiencia...

LUIZ (*um pouco fatuo*)—E' a primeira... Pela pri-

meira vez vou falar depois da minha formatura. Senta-te (*indica uma cadeira*).

ANTONIO (*sentando-se*)—Belo! Uma estreia...

LUIZ (*sentando-se á secretária*)—Aqui para nós não me sinto muito á vontade. Isto já não é a aula, a lição engrolada... E' a vida séria, o trabalho.

ANTONIO—Uma massada emfim...

LUIZ (*oferecendo cigarras*)—Falemos de coisas interessantes. Tu que tens feito, desde que abalaste de Coimbra sem dar cavaco, atirando ás ortigas a capa de estudante e a carta de doutor?

ANTONIO—Viajado. Gheguei hontem, como te disse. Dois anos andei lá por fóra.

LUIZ—Cálculo. Paris e as suas mulheres, a Italia e os seus museus, a Suissa e as suas neves, mil coisas belas, emfim.

ANTONIO—A par de tudo isso quanta miséria! O mundo é igual em toda a parte. A' saída de um restaurant de Paris, á porta de um museu de Italia, junto ao elevador de uma montanha suissa, ha sempre uma mão estendida a pedir esmola, creaturas que sofrem, emquanto os outros—cu por exemplo—se divertem ou buscam divertir-se.

LUIZ—Não perdeste então ainda esses velhos véos de pessimismo e esse desastroso habito—desastroso para ti—de te interessar pelos males do mundo?

ANTONIO (*encolhendo os hombros*)—Que queres? Tendencia minha. Percorri cidades e capitães e em toda a parte vi creaturas, vergadas sob labores pesados, levantarem para os desocupados como eu olhares onde havia inveja sempre e odio muitas vezes.

LUIZ (*rindo*)—Aposto que chegaste a pedir desculpa aos mendigos do Vesuvio de teres uns centos de mil réis de rendimento ao mez. Ah! meu velho... Has-de ser sempre o eterno utopista que tinha em Coimbra a alcunha de Jesus Cristo e levava o tempo a consolar os aflitos e amparar os necessitados. Crê, meu caro Antonio... Existiram sempre opressores e oprimidos. O mundo foi sempre assim. Não é a tua bela alma cheia de bondades e o teu grande coração que o hão-de melhorar. (*Mudando de tom*). Sabes uma coisa? Sou feliz.

ANTONIO (*sorrindo*)—Tens a certeza d'isso?

LUIZ—E porque não?

ANTONIO—Parabéns. Poucas creaturas ha no mundo que se possam declarar felizes. E's um fenomeno e aconselho-te a que mandes cobrar um pataco de entrada a cada mortal que te contemple.

LUIZ—Podes rir-te á vontade que isso não me impedirá de te repetir que sou feliz. Eu não tenho as tuas largas aspirações de bem universal. Não sou, como tu, um altruista. Contento-me em ser um egoista.

ANTONIO—Felizes os que ainda se podem estimar a si proprios.

LUIZ—Reconheço-me pequeno para o trabalho de modificar o mundo e cuidio de mim e de organizar a minha ventura. Casei.

ANTONIO—Quando?

LUIZ—Ha cinco mezes, quando me formei. Sabes que eu tinha desde creança uma afeição completada por laços de familia.

ANTONIO—Uma prima tua, se bem me lembro.

LUIZ—Minha prima Margarida. Era um namorico de creança em que quasi eu não pensava. Quando voltei de Coimbra fui encontrá-la mudada, desabrochada como uma bela rosa de abril. O nosso amor de creanças transformou-se em paixão reciproca e breve nos casámos. Se eu te dissér mais que Margarida é a mais graciosa, a mais galante das mulheres, cheia de carinhosa ternura e de profundo amor por mim, admiras-te ainda que eu te diga que sou feliz?

ANTONIO—Não. O amor é uma bela e grandiosa coisa. Amar todos os seres n'uma só mulher é talvez mais simples. E' meter o mundo todo dentro dos nossos braços.

LUIZ—O amor de Margarida tem-me enchido de surpresas. Abriu-me o coração a uma luz estranha que eu não conhecia. Fez-me diverso e mostrou-

me diversos os aspectos d'este mundo. Tu sempre me julgaste um frívolo, não é assim?

ANTONIO.—Tão capaz d'um belo ato como d'uma má ação.

LUIZ.—Em Coimbra tratavas-me como uma creança. Davas-me conselhos por vezes bem duros. Pois bem. Hoje sinto-me um homem e muito outro do que fui.

ANTONIO.—E' verdade?! A respeito de Coimbra... Como se passou isso da tua formatura?

LUIZ.—Bem. Sem difficuldades. Fiz um ato grande muito feliz.

ANTONIO.—Como vão os rapazes do nosso tempo? A nossa republica?

LUIZ.—Ora! Dispersada. Cada qual para seu lado, á vida.

ANTONIO.—A tia Gracinda?

LUIZ.—Ainda deve ser hospedeira de estudantes.

ANTONIO (*após um pequeno silencio*)—E a O'-6?

LUIZ (*hesitando, n'um tom mais baixo*)—A O'-6?

ANTONIO—Sim. A Mariasinha do O', a sobrinha da tia Gracinda, nossa patrão.

LUIZ (*como quem se lembra finalmente*)—Ah! sim! (*Um silencio*). Não sei...

ANTONIO—Casou?

LUIZ (*com um gesto vago*)—Não... Deu em droga.

ANTONIO—Pobre creança!... Um estudante..

LUIZ—Calculo que... varios.

ANTONIO—Algun havia de ser o primeiro.

LUIZ—Sabe-se lá nunca quem foi o primeiro.

ANTONIO—Ela, a pobresita, deve sabê-lo, infelizmente. (*Acende um cigarro*). Pobre pequenina! Ainda a vejo, meudinha, com o seu narizinho afilado, os seus olhos cismadores, cosendo ao canto da janela da casa de jantar. Ainda a ouço dar-me os bons dias quando eu ia para a aula. Queres crer, Luiz? Esqueci-me de tanta gente do meu tempo de estudante: d'ela não. Em hospedarias d'esse mundo por onde andei succedia-me ás vezes, de manhã cedo, quando os creados me acordavam, parecer-me ouvir a voz d'ela dizer-me: «Bons dias, sr. doutor!» (*Um silencio*). Deu então em droga?... Coitada.

LUIZ—Entristeceste?

ANTONIO—Não. Tenho pena d'ela. Tinha-me um certo respeito. O meu ar carrancudo metia-lhe medo quasi. Eu via a estudantada em volta d'aquella creança, como soffregas abelhas em torno d'uma rosa que vae abrir. Era o destino d'ela.

LUIZ (*scudido*)—Tinha que ser. Depois não era acisada. Quem se fia em estudantes?... Elas já sabem o fado que as espera. Vão para deante de peito feito, podes crer. Não se iludem.

ANTONIO (*abanando a cabeça*)—Iludem-n'as. (*Silencio*). Com que então casado ha cinco mezes?!

LUIZ (*muito alegre*)—E' verdade. E vou dar-te uma grande novidade. E's tu, o meu melhor amigo, a segunda pessoa a sabê-la. Minha mulher, Margarida, vae ser mãe. Disse-m'o hoje, ao acordar, n'um longo beijo. Não podes imaginar o que essa revelação me transformou. Tornou-me doido de alegria. Vou ter um filho, vamos ter um filho, um pedaço de nós mesmos, que se agita no seio do meu amor. Ah! Antonio! Ainda duvidavas de que eu possesse ser feliz?!

ANTONIO—Um filho! Sim. Deve ser uma grande alegria.

LUIZ—Imensa. E quando me lembro que d'aqui a pouco vae ser julgada...

ANTONIO—Bem sei. Uma mãe que abandonou o filho.

LUIZ—... Arrepiam-se-me as carnes de horror. A Margarida, quando eu saí, deteve-me e fez-me jurar que eu seria inflexivel ao requerer as penas da lei para essa mãe baroara. «Meu amor,—disse-me ela—pode lá haver no mundo uma mãe que despampe um filho! Essa mulher é um monstro. Sê cruel, impiedoso para ela, porque é uma infame...»

ANTONIO—Ou uma desgraçada.

LUIZ—E eu jurei-lhe que não pouparia essa mi-

seravel. Vim mais cedo até porque a quero ver, quero falar-lhe n'este gabinete como pae antes de a acusar na audiencia como ministerio publico. Vou mandá-la buscar ao calabouço.

ANTONIO (*erguendo-se*) — Bem. Até logo.

LUIZ — Podes ficar. (*Ao escrevente*) O' sr. Maturino...

MATURINO — Diga, sr. doutor.

LUIZ (*vestindo a beca*) — A ré já veio do Aljube? MATURINO — A's nove chegou o official de diligencias.

LUIZ — Diga lá fóra que a tragam cá. Preciso de falar com ela.

MATURINO — Eu vou, sr. doutor, com sua licença, (*Arruma n'uma caixa de charutos a pena, a raspadeira e o lapis e fecha a gaveta á chave. Sae.*)

CENA III

Antonio e Luiz

LUIZ — Tu, que tens particular empenho em examinar miserias, vaes ver uma miseria mais; mas esta horripilante e desprezível.

ANTONIO — Quem sabe que enorme desgraça vae entrar aquella porta.

LUIZ — Onde está o processo? (*Procura sobre a secretária e pega n'uma maço de papéis*). Deve ser este. (*Examina os papéis*). Não. Este é o de amanhã. Onde estará o de hoje? Este Maturino endoidece-me.

ANTONIO — Este teu escriba é curioso.

LUIZ (*rindo*) — Um massador. Uma raiva ás mulheres que as não pode ver.

ANTONIO — Bem sei. Ele contou-me...

LUIZ — Ora! Leva os dias a contar a vida a todo o bicho careta.

CENA IV

Os mesmos, mais Maturino e Maria do Ó

MATURINO — Sr. doutor. Está lá fóra a tipa. LUIZ — Que entre e vocecê vá andando para a sala de audiencia. Previna-me quando chegar o dr. juiz.

(*Maturino encaminha-se para a porta. Afasta-se para deixar entrar Maria do Ó e sae. Maria veste miseravelmente. Traz a cabeça baixa e caminha vagarosamente até junto da secretária de Luiz. Ao chegar perto d'ela, ergue devagar a cabeça e, ao fitar Luiz, tem um grande grito de amor.*)

MARIA — Luiz, meu Luiz! (*Cambaleia e cobre o rosto com as mãos*).

CENA V

Maria, Luiz e Antonio

LUIZ (*surpreendido, examina Maria e interroga com o olhar Antonio. Após um silencio*) Que diz vocecê?

MARIA (*descobindo o rosto devagar*) — Já me não reconheces? Tens razão. Estou uma velha.

LUIZ (*recuando*) — Maria do Ó?!

ANTONIO (*avançando para ela*) — Maria do Ó...

MARIA — Sim. Sou eu... (*Reconhecendo Antonio*) Olha, o sr. doutor... Bons dias, sr. doutor.

ANTONIO (*soturnamente*) — A mesma voz ainda.

MARIA — Admiras-te de me ver aqui? Também eu me admiro de te encontrar. Ha tanto tempo que nos não vimos... desde que deixaste Coimbra e me deixaste a mim.

ANTONIO (*a Luiz*) — Que houve entre ti e Maria do Ó? (*Luiz encolhe os hombros e com uma faca de papel acaba de desfolhar a rosa chá*). Compreendo. Pobre creança! Deu em droga!

MARIA (*acercando-se de Luiz*) — Porque me não olhas? Estou feia? Estou uma velha? E' que te não sofrido muito. (*Mudando de tom*) Ah! bem

sei... D'sseram-me que tu é que me ias condenar...

E com razão... Deitei fóra o nosso filho...

LUIZ (*amparando-se á cadeira*) — O nosso filho?

MARIA — Sim. Um anjinho tão lindo! Luiz como o pae. Ninguém o batisou. Bati-sei-o eu. Porque me não deram o meu filho na cadeira? Eu agora talvez tivesse leite. Já tenho comido.

LUIZ (*duramente, erguendo se*) — A senhora enganase... quando diz... o nosso filho.

MARIA — Não. Tu bem sabes que eu não tive outro homem, nem podia ter. Também sabes que, quando fui tua, era pura e nem sequer um beijo me tinham dado com mau proposito. Tu bem sabes que só te amei a ti, que sempre te amei... mesmo depois...

LUIZ (*sentando-se*) — Não a entendo...

MARIA — Ah! Luiz! Olha bem para mim e vê se te minto. Essa creança é teu filho. Abandonei-o e peço-te perdão. Tu deste-me aquella ventura e eu deitei-a fóra. Vaes condenar-me e é bem feito. Mas, meu Luiz, ele morria-me nos braços... Eu não tinha que lhe dar de comer. Eu propria morria de fome.

ANTONIO — De fome?...

MARIA — De fome... Tu sabes lá o que eu passei, Luiz. Fui tão feliz por tua causa e sofri depois tanto! Como me tenho lembrado de tudo, agora sobretudo na cadeira, sem o meu filhinho... Levo as noites todas a cismar muito, a recordar e os dias na mesma. As outras de dia cantam e á noite dormem. E eu se canto ás vezes é baixinho e porque me parece que ainda tenho o meu pequenito nos braços e que ele quer adormecer. Lembro-me de tudo: d'aquella fala que tu me disseste, uma tarde, quando vinhas da aula e que me não deixou dormir. Depois daquelas cartas que tu me escrevias. (*Mete a mão no seio*). Tenho-as aqui. Levo o dia a lê-las... Versos tão bonitos!...

Como tu gostavas de mim n'esse tempo! Eu levava as tardes a coser, junto da janela, á espera da hora em que tu voltavas para casa. Disfarçava e punha-me no corredor á tua espreita com a resposta das tuas cartas muito escondida na mão para que ninguém visse. Uma noite falei-te ás escondidas e, d'ahi em diante, todas as noites as levavamos a conversar, muito baixinho, para a tia Gracinda não ouvir, muito chegados um ao outro, tu a dizeres-me coisas que me perdiam: que nunca tinhas amado mulher nenhuma como eu, que serias meu para sempre... Chamavas-me a tua mulherzinha... Eu era bonita então... Pois não era? Como eu estou agora! Hoje na cadeira deram-me um espelho para alisar o cabelo. Nem me conheci. (*Sentase. Silencio. Alegre*) Depois... fui tua. Tinha que ser e eu tinha orgulho n'isso. Quando me entreguei toda, quando todas as madrugada eu saía descalça do teu quarto, como eu me sentia feliz! Com que alegria eu te via entre os outros e dizia a mim propria: 'E' meu... é meu... Punha-me córada de alegria, tinha vontades de cantar, de rir... Eu era bonita então. Pois não era? Como eu estou agora!

ANTONIO — Pobre O' ó.

MARIA — Chegaram os atos e tu ias partir... deixar Coimbra para sempre... vir para a tua casa... O que eu chorei, meu Deus! Minha Santa Nossa Senhora! Já tinha então dentro de mim o nosso filho e disse-t'o. Tu juraste que me virias buscar, que eu seria a tua companheira para sempre. Lembras-te?

LUIZ — Eu não acreditei que fosse verdade. Cuides que o dizias pra me prenderes.

ANTONIO — Já pensavas em deixal-a. Pobre d'ela.

MARIA — Partiste de Coimbra e começou o meu fadario: eu a escrever-te todos os dias, tu sem me responderes nunca, legoas e legoas a apartarem-nos e o inocentinho sempre a crescer no meu seio. Já o não podia esconder. O nosso segredo toda a gente o sabia. Quando eu senti que a hora estava para breve, abalei de noite, sósinha, debaixo da chuva, cheia de febre, sem saber por onde ia, pela estrada real que me tinham dito que vinha dar a Lisboa. Tive o meu filho de madrugada, n'uma venda da estrada á pbrta da qual eu tinha ido baater. A mulher

da casa assistiu-me e, quando senti chorar pela primeira vez o nosso filho, cuidei ouvir a tua voz e puz-me a gritar: «Luiz! Luiz!»

CENA VI

Os mesmos e um restante Maturino

MATURINO — Senhor doutor! O senhor juiz já chegou. Não tarda que abra a audiência.

LUIZ — Já lá vamos. (*Maturino volta a sair*).

MARIA — Já me vão julgar? E depois? Dão-me outra vez o meu filho? (*a Antonio*). O senhor doutor! O senhor, que era tão meu amigo, não fará com que m'o dêem?...

ANTONIO — (*amparando-a*). Sim, — Ha-de tel-o breve. (*Carinhosamente*). Tem sofrido muito?

MARIA — Muito, senhor doutor. Por causa do anjinho... Eu não tinha forças para trabalhar. Vivia do que me davam. Toda eu era querer ver o meu Luiz para lhe mostrar o nosso filho. Vim andando a pé e quando eu vinha n'uma estrada e vi umas casas e me disseram que era Lisboa, puz-me a rir e a chorar e perguntei a um homem que encontrei: «Sabe-me dizer onde mora o meu Luiz?» Cuidei que toda a gente o conhecia. Pois se eu não conheço mais ninguém. O homem chamou-me doida e sacudiu-me. Comecei a dar voltas pela cidade, sempre á espreita de o ver. Olhava para as casas muito altas e perguntava a mim mesma: «Será ali... ou ali?..»

ANTONIO — Tinha perdido a morada d'ele?

MARIA — Tinha-me esquecido com a febre do parto. Um dia lembrou-me. Fui lá. Disseram-me que já ali não morava, que tinha casado, que estava para fóra. E o anjinho sempre a chorar nos meus braços, e eu sem leite para lhe dar. Mirrou-se-me o peito, senhor doutor. Dizem que foi do desgosto. Um dia pedi esmola e fui presa. Chovia e meteram-me entre grades. Estava muito frio mas, ao menos, lá dentro não caía água. No outro dia puzeram-me fóra. Nem presa me deixavam estar. Eu ia pedir trabalho, batia ás portas, queria esfregar o chão, acarretar água. Olhavam para o inocente e mandavam-me embora.

LUIZ — Meu Deus!

MARIA — Uma noite—eu não comia ha tres dias e ao meu filhinho só tinha para lhe dar a água das bicas que por ahí ha... —vi uma casa, um rez-do-chão, que tinha as janelas abertas... Lá dentro estavam umas poucas de crianças á mesa e um pequenino, como o meu—tão lindo!—no colo de uma ama. Passou-me uma coisa pela idéa, puz o meu filho no vão da porta, puxei a campainha e fugi... fugi... corri muito e só parei quando cahi no chão... como morta... morta mesmo... Pois se eu já não tinha a minha vida!...

ANTONIO — Sente-se, O'. O' sinha. (*Um silencio*). E depois?

MARIA — Depois... deu-me a saudade. Queria o meu filho... Mas já me não lembrava onde o tinha deixado. Fui perguntar por ele á policia. Prenderam-me. Fui para a cadeia. Dizem que vou presa por muito tempo. Se calhar por toda a vida. Que importa! Prisão é a vida de quem não tem alegria! (*Rompendo em soluços*). Mas dêem-me o meu filho!

(*Maria caiu sentada sobre uma cadeira. Antonio está de pé junto d'ela. Luiz na secretária esconde o rosto entre as mãos. Ha um silencio cortado pelos soluços de Maria do O'*).

ANTONIO — (*ironica e pausadamente, a Luiz*). Que dizes a tudo isto?

LUIZ — Antonio! Que grande desgraça! E por minha culpa.

ANTONIO — Que vaes fazer agora? Tu, que és a justiça inflexível, que és a Lei.

LUIZ — Não sei...

ANTONIO — Não sabes? Quando te perguntarem, a ti, o delegado da Sociedade, da Ordem, dos Bons princípios, da Honra, de toda essa banalidade emfim que a tua boca representa, qual o crime d'esta mulher, não sabes que resposta has de dar? E' simples: o de ter nascido mulher, fraca e indefeza pe-

rante o mundo cruel e perante ohomem mais crue! ainda. Pedirás que a castiguem por ter tido a fraqueza de ceder n'uma hora em que a Mentira a embriagou n'um beijo e ela amou essa Mentira como se a Verdade fosse. Dirás que a metam a ferros por ter a audacia de ser desgraçada na hora em que tu... tu és feliz—como dissesse ha pouco.

LUIZ — (*erguendo-se*). E's cruel, Antonio. Não vês o meu tormento...

ANTONIO — Vae e dize-lhes que a conhecestes pura, que a desejeaste com a frivolidade do teu espirito, que a possuiste com a brutalidade da tua carne. Dize-lhes que a apertaste nos teus braços como uma noiva que se entrega e dize-lhes emfim que, quando saciado o teu desejo, vieste edificar a tua vida feliz, essa mulher sobre o crime de deitar a um vão de escada o filho que lhe deste como lembrança e que ela não pôde sustentar, cometeu mais ode vir lançar na tua alma a nuvem d'um remorso que nunca mais se apagará.

MARIA DO O' — Não o aflija, senhor doutor.

ANTONIO — E diz á Sociedade que a repudiou, que a poz á margem, que a castigue, por, n'uma noite de desvario, ter posto á porta d'uma casa, onde havia risos de crianças felizes, o pranto amargo d'um inocente com fome.

LUIZ — Não a acusarei. Pedirei que me substituem.

ANTONIO — E' essa a solução covarde que encontraste? Mas um outro falará em teu lugar. Foflejará n'um relance o processo d'ela sem lér o teu n'esta alma onde aliás a amargura o não soube escrever senão com a tinta carinhosa do perdão e da saudade. E tu ficarás tranquilo. Ela não falará. Eu tambem não, descança.

LUIZ — Que queres que eu vá dizer? Que queres que eu faça?

ANTONIO — Quero que expies, que digas tudo.

MARIA — Não vale a pena, senhor doutor. Dêem-me o meu filho que eu presa fico bem.

LUIZ — Mas...

ANTONIO — Mas o quê?

LUIZ — Mas... Margarida, minha mulher...

ANTONIO — Eu já esperava esse grito banal do teu egoismo. Falar é a ruina da tua felicidade—bem o sei—mas vê o que fizeste da felicidade d'ela (*aponta Maria do O'*). Vae. Fala. Diz a verdade. Que logo, quando cruzes o limiar da tua porta e essa que é a tua esposa te perguntar o que fizeste, lhe possa responder a tua consciencia: «o meu dever. Uma mulher perdôa sempre uma crueldade feita a outra pelo homem a quem ama. Ha-de perdoar: o amor tudo absolve.

MARIA — (*como um eaf*). Ha-de te perdoar... Pois que eu já te perdoei!

LUIZ — Mas o tribunal?

ANTONIO — O tribunal ha-de escutar-te, porque ha uma voz mais imperi sa do que um artigo da Lei feita a sangue frio. E' a voz da Justiça que nem sempre cabe na obra estreita do Homem, misero e pequeno perante os seus vicios e os seus instintos.

(*Ouve-se tocar uma campainha*).

MATURINO — (*entrando*). Vae abrir a audiência, senhor doutor. (*Entrega a beca*).

LUIZ — (*erguendo-se de subito, vestindo a beca*).

Antonio, a tua mão, Maria, perdão! Eu saberei cumprir o meu dever.

(*Dirige-se para o fundo*).

MATURINO — (*vindo á secretária*). Olhe que o processo ficava aqui.

(*Luiz pega-lhe e sae*).

ANTONIO — (*a Maria do O'*). Adeus O'-O'. Até breve. Dentro em pouco nos veremos e socegue. Nada lhe faltará nem ao seu filho.

MARIA — Obrigada por ele, senhor doutor. A mim já ninguém me pôde dar o que me falta: o meu amor. (*Maturino desce para vir buscar-a*).

ANTONIO — (*vendo Maturino enxugar uma lagrima*). Que é isso, homem. Você chora?

MATURINO — E' que... senhor doutor... lembrou-me agora... A minha filha, se fôr viva, deve andar pela estrada d'esta. (*Sae levando Maria do O'*).